

ISSN 0102-3527  
Volume 24 Número 2 jul./dez. 2008

# Letras & Letras

Revista do Instituto de Letras e Linguística da  
Universidade Federal de Uberlândia

ISSN 0102-3527

Letras & Letras	Uberlândia-MG	V.24	N.2	p. 1-228	jul./dez 2008
-----------------	---------------	------	-----	----------	---------------

**Universidade Federal de Uberlândia**

**Reitor**

Prof. Arquimedes Diógenes Ciloni

**Vice-Reitor**

Prof. Elmiro Santos Resende

**Diretora da EDUFU**

Prof. Maria Clara Tomaz Machado

**EDUFU - Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia**

Av. João Naves de Ávila, 2121 - Campus Santa Mônica - Bloco A - Sala 01

Cep 38400-902 - Uberlândia - MG

Tel: (34) 3239-4293

www.edufu.ufu.br / e-mail: livraria@ufu.br

LETRAS & LETRAS, V. 24, N. 2, Jul./Dez. 2008 - Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Letras e Lingüística.

Semestral (Vol. 1, N. 1, publicado em março de 1985).

1. Língua. 2. Literatura-Crítica, 3. Lingüística.

1. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Lingüística.

CDU 8

Biblioteca da UFU

A Revista aceita contribuições inéditas de estudos, resenhas e outras, dentro da sua especialidade.

INDEXAÇÃO: IBICT

**Letras & Letras** publicação semestral do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia/MG Brasil  
Volume 24 - Número 2 - jul./dez.. 2008 - ISSN 0102-3527

**Editor**

*Cleudemar Alves Fernandes*

**Conselho Consultivo**

*Dilma Maria de Mello; Eliane Mara Silveira; João Bôsko Cabral dos Santos*

**Organizadores deste Volume**

*Luciene Azevedo; Marisa Martins Gama-Khalil*

**Conselho Editorial**

*Alceu Dias Lima (UNESP-CAR); Alice Cunha de Freitas (UFU); Angela Angêla Brambilha Cavenaghi Themudo Lessa (PUC-SP); Antônio Fernandes Júnior (CAC-UFU); Benice Naves R. Siquierolli (UFU); Betina Rodrigues da Cunha (UFU); Carlos A. M. Gouveia (Universidade de Lisboa); Carlos Piovezani Filho (UNESP-CAR); Carmen Lúcia Hernandes Agustini (UFU); Cleudemar Alves Fernandes (UFU); Daisy Rodrigues do Vale (UFU); Dilma Maria de Mello (UFU); Douglas Altamiro Consolo (UNESP - IBILCE); Dulce do Carmo Franceschini (UFU); Dylia Lysardo Dias (UFSJ); Eduardo de Faria Coutinho (UFRJ); Eduardo José Tollendal (UFU); Elaine Cristina Cintra (UFU); Eliane Mara Silveira (UFU); Elisabeth Brait (PUC-SP); Elisete Maria de Carvalho (UFU); Enivalda Nunes Freitas e Souza (UFU); Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU); Evandro Silva Martins (UFU); Emília Mendes; Félix Bugueño Miranda (UFRGS); Fernanda Mussalim G. L. Silveira (UFU); Ida Lucia Machado (UFMG); Ingedore V. Koch (UNICAMP); Irenilde Pereira dos Santos (USP - UNICSUL); Ismael Ângelo Cintra (UNESP-CAR); Ivã Carlos Lopes (UNESP - IBILCE); Ivan Marcos Ribeiro (UFU); Iza Quelhas (UERJ); Jean-Jacques Courtine (Université de Paris III/Sorbonne Nouvelle); Joana Luíza Muylaert de Araújo (UFU); João Antônio de Moraes (UFRJ/SJRP); João Bôsko Cabral dos Santos (UFU); Joaquim Alves de Aguiar (USP); John Milton (USP); José Guillermo Milan Ramos (UNINCOR); José Luiz Meurer (UFSC); José Olímpio Magalhães (UFMG); José Sueli de Magalhães (UFU); Kênia Maria de Almeida Pereira (UFU); Leila Bárbara (PUC-SP); Lília Maria Eloísa Alphonse de Francis (UFU); Luciene Almeida de Azevedo (UFU); Luísa Helena Borges Finotti (UFU); Luiz Carlos Travaglia (UFU); Luiz Gonzaga Marchezan (UNESP-CAR); Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ); Luiz Humberto Arantes (UFU); Luzmara Curcino Ferreira (UNESP-CAR); Márcio Araújo de Melo (UFU); Marco Antônio Villarta-Neder (UNITAU); Margarita Correia (Universidade de Lisboa); Maria Aparecida Caltabiano M. B. da Silva (PUC-SP); Maria Bernadete Gonçalves dos Santos (UFU); Maria Carmen Knychalla Cunha (UFU); Maria Cecília Camargo Magalhães (PUC-SP); Maria Clara Carelli Magalhães (UFU); Maria Cristina Damionovic (PUC-SP); Maria Cristina Martins (UFU); Maria do Rosário Valencise Gregolin (UNESP-CAR); Maria Esther Maciel (UFMG); Maria Francelina Silami Ibrahim Drummond (UFU); Maria Helena de Paula (UFG-CAC); Maria Imaculada Cavalcanti (UFG-CAC); Maria Inês Vasconcelos Felice (UFU); Maria Ivonete Santos Silva (UFU); Maria José Rodrigues Faria Coracini (UNICAMP); Maria Luíza Braga (UNICAMP); Marisa Martins Gama-Khalil (UFU); Maura Alves de Freitas Rocha (UFU); Mike Scott (Universidade de Liverpool); Moacir Lopes de Camargos (Universidade Nacional de Córdoba); Nélia Scott (Universidade de Liverpool); Nilton Milanez (UESB); Orlando Nunes de Amorim (UNESP-IBILCE); Orlando Viana Júnior (UFPB); Osvaldo Freitas de Jesus (UFU); Oziris Borges Filho (UFTM); Paula Godoy Arbex (UFU); Regma Santos (UFG/CA); Regina Igel (University of Maryland College Park); Roberto Daud (UFU); Roxane Helena Rodrigues Rojo (UFRJ); Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (UFG-CAC); Sueli Salles Fidalgo (PUC-SP); Susana Borneo Funk (UFSC); Suzi Frankl Sperber (UNICAMP); Vera Follain de Figueiredo (PUC/RJ); Vera Lúcia Carvalho Casa Nova (UFMG); Waldenice Moreira Cano (UFU); Waldenor Barros Moraes Filho (UFU); William Augusto de Menezes (UFOP).*

**Secretário**

*Fernando Paulino de Oliveira*

**Projeto de Capa**

*Ronei Tavares Pezzini*

**Endereço para correspondências:**

Universidade Federal de Uberlândia  
Instituto de Letras e Linguística  
Av. João Naves de Ávila 2121 Campus Santa Mônica Telefax: (0xx) 34 3239-4162 Ramal  
6207  
Cx Postal: 593 CEP: 38408-100 Uberlândia/MG

**Pedidos de assinaturas e envio de artigos para:**

Página na internet: [www.letraseletras.ileel.ufu.br](http://www.letraseletras.ileel.ufu.br) Correio eletrônico: [letraseletras@ileel.ufu.br](mailto:letraseletras@ileel.ufu.br)

**Tiragem desta edição:** 300 exemplares

A Revista aceita trocas  
On demande I echange  
We ask for exchange  
Rogamos canje

**“Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista ou à EDUFU .**

# Letras & Letras

Revista do Instituto de Letras e Linguística da  
Universidade Federal de Uberlândia

---

**Apresentação** ..... 7  
*Luciene Azevedo; Marisa Martins Gama-Khalil*

## ARTIGOS

**A dispersão identitária do sujeito da escrita nas narrativas da  
“Casa da ponte** ..... 13  
*Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais*

**A identidade em jogo** ..... 29  
*Eliane Maria de Oliveira Giacon*

**A literatura das (in)diferenças** ..... 45  
*Muna Omran*

**As violências e narrações: efetuando espaços e expressões** ..... 63  
*Walfrido da Silva*

**Corpos que excluem: o lugar do travesti no conto “Dia dos  
namorados”, de Rubem Fonseca** ..... 77  
*Carlos Henrique Bento*

**De margens e bordas: a contra-narrativa da nação em Iararana** ..... 87  
*Gisane Souza Santana*

**Drummond, Mário de Andrade e a identidade da terra brasilis:  
articulações entre o eixo e a roda** ..... 97  
*Ivan Russeff - Marcelo Marinho*

LETRAS & LETRAS	Uberlândia	V. 24	N. 2	Jul./Dez. 2008
-----------------	------------	-------	------	----------------

<b>Jacques Derrida s Specters of Marx at the intersection of philosophy and literature</b> .....	105
<i>Fabio Akcelrud Durão</i>	
<b>Lima Barreto e a paisagem diluída</b> .....	113
<i>Keli Pacheco</i>	
<b>Memória e identidade em Exílios</b> .....	123
<i>Valéria Brisolara Salomon</i>	
<b>Narrativas da identidade: memória e esquecimento em textos de Milton Hatoum</b> .....	131
<i>Noemi Campos Freitas Vieira</i>	
<b>O estrangeiro de Albert Camus: narrativa literária, alteridade e diferença</b> .....	143
<i>Adriana Duarte Bonini Mariguela</i>	
<b>O homem duplicado: uma busca pela identidade</b> .....	167
<i>Madalena Aparecida Machado</i>	
<b>O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90</b> .....	189
<i>Leonardo Mendes</i>	
<b>Passarinho me contou: um canto polifônico</b> .....	209
<i>Adriane Gomes Farah</i>	

## APRESENTAÇÃO

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luciene Azevedo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marisa Martins Gama-Khalil

Para a teórica argentina Josefina Ludmer, “a definição de resistência é uma das chaves do presente”. O entendimento da literatura como uma forma contra-hegemônica é correlato da constatação da sua posição apenas marginal em relação às esferas que dominam a vivência contemporânea, mas é justamente a partir do reconhecimento de que é possível fazer dessa marginalidade uma força que a literatura assume seu papel de resistência fundamentado na própria condição de diferença em relação à hegemonia. Em uma pequena entrevista por e-mail a Flora Sussekind, Ludmer resgata a idéia-força da resistência foucaultiana para pensá-la como um índice importante do presente: “A resistência é uma prática de larga duração, de sobrevivência, que implica não-confrontação porque assume ser impossível disputar o poder”<sup>1</sup>. A constatação de que a literatura experimenta outras bases de legitimação social, diferenciando-se “em uma subcultura *sui generis*”<sup>2</sup>, obriga-nos a pensar que novos sentidos ela pode ter no presente.

Se já houve um tempo em que a literatura confiava ao discurso humanista a legitimação de sua função, servindo como canal de divulgação da idéia de Estado-nação ou instrumento fundamental de uma *Bildung* romântica, irradiando valores estéticos, sociais, morais, superado o otimismo ingênuo que creditava à literatura um capital cultural capaz de “auxiliar os homens a caminhar para a sua humanização”<sup>3</sup>, em tempos de pós-tudo, assumindo a sua contingência, a literatura configura-se como uma zona de resistência a contrapelo do *ethos* da globalização.

Foi pensando na posição de resistência da literatura na contemporaneidade que sugerimos o tema ‘Narrativa literária e alteridade’ para o presente número da Revista Letras & Letras que pareceu-nos justificável não apenas por sua atualidade, mas também pelo espectro bem amplo de abordagem, estimulando, inclusive, o diálogo com outras áreas do conhecimento, como a história, antropologia, sociologia e afins.

Ao propormos relacionar literatura e alteridade pretendíamos estimular

---

<sup>1</sup> LUDMER, Josefina. “Mini-entrevista com Ludmer por Flora Sussekind. Retirada do site da editora Aeroplano. Aerograma 26.

<sup>2</sup> SLOTERDIJK, P. *Regras para o Parque Humano*. Uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo: Estação Liberdade, 2000, p.14.

<sup>3</sup> ISER, W. “A dupla face do discurso humanista e o futuro das humanidades” in: *Futuro da Universidade*. Tradução de Bluma Vilar. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 74.

o debate aberto na direção das intrincadas veredas da memória, da identidade, da construção de subjetividades, da representação, da diferença, da resistência, da exclusão e da mediação.

Assim a proposição do tema pretendia expandir os horizontes da abordagem, contemplando desde a colonização do imaginário (segundo a expressão de Serge Grynzinski) exposta pelo confronto cultural de realidades distintas e construída sob o ponto de vista do 'estrangeiro para a construção de um imaginário de dominação (o que diz respeito não apenas ao período colonial, mas também à hibridização das culturas em pleno pós-moderno) até a reflexão sobre as possibilidades teóricas que a presença dos Outros (mulheres, negros, gays e lésbicas) impõe à forma de contar histórias, considerando principalmente a questão da construção das subjetividades e a forma de sua representação nas narrativas.

Vista como uma categoria a ser estudada, a narrativa investe-se da força e complexidade da experiência dos Outros, atravessando-as e sendo por elas atravessada, seja como testemunho, seja como diálogo muitas vezes conflitivo que estimula a pergunta sobre como se constroem, nas narrativas e por meio delas, as representações sobre o Outro.

No ambiente das narrativas virtuais em que parecem voltar com forças as escritas de si é possível ainda considerar a alteridade em relação ao próprio eu que volta após a tão badalada morte do sujeito, tornando possível repensá-la como um confronto consigo mesmo, tal como é sugerido por Paul Ricoeur:

Si mesmo como um outro sugere, imediatamente, que a ipseidade do si-mesmo implica a alteridade num grau tão íntimo, que uma não se deixa pensar sem a outra, que, de preferência, uma passa na outra, como se diria em linguagem hegeliana. Ao "como queríamos ligar a significação forte, não apenas de uma comparação - o si-mesmo como sendo semelhante à alteridade-, mas mais de uma implicação: o si-mesmo enquanto ... outro. (RICOEUR, 1990)

Desse modo, o tema também seria apropriado para considerar a produção dos *blogs* como um novo espaço de divulgação de outras e novas vozes que surgem em dezenas de sites dedicados à literatura, verdadeiros salões literários na internet.

Considerando, portanto, a heterogeneidade das perspectivas de abordagem do tema, há quem aposte que a novidade maior é o fato de a literatura contemporânea, particularmente no Brasil, dar chance aos marginalizados (presidiários, favelados, excluídos sociais de maneira ampla) que agora falam por sua própria conta e voz. Assim, os textos da literatura da periferia ou dos Outros (como preferimos nos referir a essa vertente) representariam um desagravo à situação de extrema desigualdade que caracteriza o país. No interstício entre a narrativa e a alteridade, seria possível discutir os riscos da idealização desse Outro, já que a emergência dele através



de sua própria voz não parece garantir a essencialidade de uma representação mais verdadeira e considerá-la mais autêntica poderia significar um equívoco interpretativo, pois mesmo a auto-representação, entendida como construção discursiva, não está livre de mascarar uma cooptação inconsciente pelas normas que pretendia desmascarar: “O resultado é uma política que pode consumi-los como sujeitos históricos antes que eles se tornem historicamente efetivos. (FOSTER, 2001, p. 179)

Assim, a sugestão de repensar a categoria da narrativa na relação com a representação da alteridade pretendia ir além da crítica do desagravo, que não deve se esgotar na denúncia, questionando o próprio modo de representação da alteridade para evitar as armadilhas da normatização.

Nesse sentido, acreditamos que os ensaios selecionados para esse número abordam, alguns de modo mais colateral que outros, as problemáticas relacionadas às relações entre narrativa e alteridade e, dessa forma, esperamos que a publicação contribua para os estudos literários contemporâneos.

Carlos Bento, em seu artigo “Corpos que excluem: o lugar do travesti no conto ‘dia dos namorados’, de R. Fonseca”, vale-se da problematização do conceito de gênero realizado por Judith Butler para pensar a representação do corpo como um constructo social. Valendo-se da análise de um conto de Rubem Fonseca, o autor pretende refletir sobre o modo como “o discurso literário abriga personagens que exibem corpos que desafiam os padrões socialmente legitimados”.

Gisane Santana, em “De margens e bordas: a contra-narrativa da nação em Iararana”, analisa o poema “Iararana”, do autor baiano Sosígenes Costa, considerando a hibridez discursiva das vozes presentes na obra e a perspectiva ambivalente da colonização. Para tanto, recupera o modo como o conceito de identidade é tratado na pós-modernidade, principalmente a partir dos Estudos Culturais.

Retomando a perspectiva crítica sobre os discursos preocupados com a constituição da identidade nacional, Eliane Giacón, refletindo sobre o romance de João Ubaldo Ribeiro parte do pressuposto que “em Viva o Povo Brasileiro dialogam vários discursos (...) que associados ao resgate dos mitos, à redescoberta da memória coletiva e a um movimento constante de textos dentro da obra, apresentam um questionamento da definição do brasileiro”.

Em “Drummond, Mário de Andrade e a identidade da terra brasilis: articulações entre o eixo e a roda”, Ivan Russef e Marcelo Marinho analisam a disposição professoral que o autor de Macunaíma manifesta na correspondência trocada com o poeta modernista, investindo na identificação da influência de Mário sobre Drummond, que, segundo Russef e Marinho, estaria demonstrada nas cartas, através do realce das “investidas teóricas e estéticas de um sobre o outro”.

Madalena Machado, em “O homem duplicado: uma busca pela identidade”, realiza uma investigação sobre a questão do caráter duplo do personagem do romance de José Saramago, caracterizando tal estratégia como

uma condição pós-moderna, segundo a autora, identificada à “ruptura, deslocamento e descontinuidade” que marcam nossa contemporaneidade.

Em inusitada abordagem da obra de Lima Barreto, especialmente dos livros *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá*, Keli Pacheco analisa a relação que a recorrência da paisagem marítima nas obras do escritor mantém com a alteridade e a nação: “O mar, espaço liso, conforme conceito de Gilles Deleuze e Felix Guattari, se revela, em Lima Barreto, como local de resistência à paisagem tradicional”.

O ensaio de Valéria Brisolará realiza a análise do filme “Exílios” (2004) do diretor romeno Tony Gatlif, considerando um diálogo entre Kristeva e Said, na abordagem questão do exílio na sociedade contemporânea, a fim de problematizar a identidade dos sujeitos através da análise da trajetória dos personagens protagonistas do filme, Zano e Naïma.

Em “Narrativas da identidade: memória e esquecimento em textos de Milton Hatoum”, Noemi Vieira defende a tese de que o autor ultrapassa a incidência regionalista, tão própria à literatura brasileira, escapando ao exotismo, principalmente pela efetivação de uma memória que anseia configurar uma identidade híbrida, manauara e imigrante.

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Morais apresenta o tema da alteridade por intermédio da noção de função-autoria proposta por Michel Foucault. A autora do artigo “A dispersão identitária do sujeito da escrita nas narrativas da *Casa da ponte*” aborda a obra de Cora Coralina partindo do pressuposto de que todo sujeito opera deslocamentos que o fazem assumir diferentes posições-sujeito. O sujeito da escrita, o autor, por exemplo, no espaço da materialidade do livro, “dispersa a [sua] subjetividade em várias posições, que, por sua vez, abrigam uma inevitável polifonia”. Essa dispersão propicia o surgimento de vozes várias, possibilitando o desvendamento do *outro* no *um*.

É dessa perspectiva, o da alteridade que parte da aparente unidade do sujeito, que Walfrido da Silva compõe seu estudo intitulado “Violências e narrações: efetuando espaços e expressões”, já que “o estranho outro, também é um estranho de mim e em mim”. As narrativas “(a vida em fala) deslocam e multiplicam as possibilidades de ser e por esse motivo não podem ser entendidas como espaços de afixação dos modos de ser, mas como heterotopias, espécies de espaços “dentro de outros espaços”.

Em “Jacques Derrida’s *specters of Marx* at the intersection of philosophy and literature”, Fabio Durão propõe uma reflexão acerca do tema da alteridade a partir da ótica interpretativa que Derrida projeta sobre a realidade, uma construção erguida por intermédio de estratégias textuais, composicionais.

A intersecção entre filosofia e literatura, trabalhada no artigo de Durão para a problematização do conceito de realidade, é também objeto do artigo de Adriana Mariguela, intitulado “*O estrangeiro* de Albert Camus: narrativa literária, alteridade e diferença”, uma vez que é por intermédio de “linhas literárias e filosóficas” que Camus constrói um enredo destinado a descortinar a alteridade

e a diferença como caracterizadoras da condição humana. Em seu silêncio, Mersault, protagonista do romance analisado, realiza a escuta de si e narra sua absurda experiência ser estrangeiro de si. Essa temática evidencia a alteridade como uma das possibilidades de leitura do romance camusiano.

A abordagem da crítica pós-colonialista é o viés teórico que Muna Omran utiliza para analisar os romances *Os filhos da Meia-Noite*, *Os versos satânicos* e *O último suspiro do Mouro* de Salman Rushdie no artigo “A literatura das (in)diferenças”. O pós-colonialismo possibilita o entendimento da literatura como espaço de resistência e, nesse sentido, a obra de Rushdie serve como palco de exposição das vozes silenciadas, oprimidas, vozes que denunciam a diversidade das identidades, o conflito das culturas.

Em “O romance republicano: naturalismo e alteridade no Brasil 1880-90”, Leonardo Mendes procura expor um novo olhar sobre o romance naturalista brasileiro, evidenciando seu caráter transgressor, especialmente por ter viabilizado “o ingresso na literatura de uma população considerada até então indigna de representação social e literária: negros, pobres, mulatos, capoeiras, desocupados, gays e lésbicas”. À prosa naturalista, nessa perspectiva, coube a tarefa de abrir o espaço para a representação do diferente e das diferenças.

A abordagem bakhtiniana, base teórica do artigo “*Passarinho me contou*”, é utilizada por Adriane Gomes Farah para analisar como a autora Ana Maria Machado trabalha com a alteridade, uma obra destinada ao público infanto-juvenil, “sobretudo no que tange ao aspecto do diálogo entre vozes (polifonia) que constituem um debate entre várias representações da identidade nacional”.

O uso direto ou indireto das teorias de Mikhail Bakhtin em pesquisas e estudos cujo enfoque é a alteridade faz-se de todo coerente, uma vez que essa noção relaciona-se plenamente à idéia de que o sujeito e a sua linguagem não podem ser entendidos fora do dialogismo. Para Bakhtin, não há palavra fora do dialogismo – toda palavra enunciada já traz em seu bojo a palavra de outrem. Um *corpus* utilizado para demonstrar essa sua tese é a obra de Dostoiévsky, na qual há uma “multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia das vozes plenivalentes”.<sup>4</sup> A consciência do herói é constituída como a consciência do *outro*, não se fechando, nem se fazendo objeto da consciência do autor. A identidade é concebida pela alteridade. Nos romances do autor de *Crime e castigo* o leitor encontra múltiplas vozes, não só de várias personagens, mas também múltiplas vozes de uma mesma personagem; monólogos que abarcam plenos diálogos.

Na esteira dos postulados teóricos de Bakhtin, Todorov é outro autor que muito contribuiu para os estudos sobre a alteridade, especialmente em *A conquista da América: a questão do outro*<sup>5</sup>, obra que aborda a noção da

---

<sup>4</sup> *Problemas da poética de Dostoiévsky*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981, p.02.

<sup>5</sup> São Paulo: Martins Fontes, 1991.

alteridade em suas várias dimensões, seja pela aproximação ou o distanciamento em relação ao outro, seja pela adoção ou rejeição dos valores e diferenças do outro. Em outro estudo, *Nós e os outros*<sup>6</sup>, Todorov aborda estudos anteriores sobre a relatividade e a universalidade realizados por estudiosos franceses dos séculos XVIII ao XX, e denuncia que em tais estudos não foram consideradas as diferenças entre o eu e o outro, o que implicou um relevo sobre a idéia de unicidade.

A literatura, por fazer girar os saberes<sup>7</sup>, não é espaço da unidade e do *mesmo*; ela deve manifestar-se como o espaço da multiplicidade. Por oferecer-se como uma rede que desencadeia uma multiplicidade de leituras e saberes, o texto literário “subverte as leis do autoritarismo”<sup>8</sup>, permitindo-nos deslocar os sentidos e ouvir a língua fora da maquinaria do poder<sup>9</sup>. O texto literário em seu aspecto múltiplo, revelador de uma arena em que se encontra o eu e o outro, foi focado por Ítalo Calvino. Uma das propostas de Calvino para a nossa época foi a multiplicidade, que sugere a idéia de literatura como uma rede composta por vários fios. No trabalho de tecer vários fios, de revelar o(s) outro(s) o escritor corre o risco de romper o seu próprio fio? Calvino responde-nos: “Alguém poderia objetar que quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis mais se distancia daquele *unicum* que é o *self* de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”<sup>10</sup>

Vemos, nos textos apresentados nesta edição da *Letras & Letras*, que a literatura de nosso milênio procura cumprir a proposta de Calvino, dando relevo ao diferente e às diferenças e procurando pôr em cima do tapete o que estava oculto, segregado.

---

<sup>6</sup> Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1988.

<sup>8</sup> SARLO, Beatriz. *Paisagens imaginárias*. São Paulo: EDUSP, 2005, p.58.

<sup>9</sup> BARTHES, Roland. *Ibid*.

<sup>10</sup> *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.